

## DOCUMENTOS

### Orientações, discussões e desligamento de Carlos Lamarca da VPR

Carla Luciana Silva e David Maciel

Transcrevemos abaixo três documentos de Carlos Lamarca. Julgamos que a importância das temáticas colocadas por ele é tal que alguns dos problemas que ele colocava, em plena luta armada contra a ditadura, seguem atuais para as esquerdas brasileiras de hoje.

O primeiro documento é uma carta manuscrita “aos companheiros da VPR [Vanguarda Popular Revolucionária] no Chile; o segundo é sua carta aos militantes informando seu desligamento da VPR, que se distingue da carta enviada para a direção. Por fim, o documento em que ele apresenta muitos dos problemas que avaliava na VPR e que justificavam sua saída da mesma. Muito rapidamente, citamos uma passagem do jornal *Correio da Manhã* que mostram que esses documentos foram total ou parcialmente vazados para a imprensa naquela época como forma de contribuir para a desmoralização de Lamarca. Contribuiria assim com a sua caça também, assim como já havia procedido no caso de Carlos Marighella.

A transcrição foi feita a partir de cópias de documentos que estão disponíveis no site do Arquivo Nacional.<sup>1</sup> As condições originais não são as desejáveis, mas no geral o texto está legível. Ocorre que o texto foi datilografado em espaçamento simples fazendo o máximo aproveitamento das folhas, e no processo de cópias, algumas palavras do lado direito foram cortadas. As barras dobradas presentes no terceiro documento provavelmente indicam divisões em parágrafos, não existentes no texto original para economizar espaço, talvez por carência de material (papel). Sempre que tivemos dúvida sobre elas, mantivemos o que nos pareceu ser mais viável entre colchetes.

Por limites de espaço para esse texto, não completamos todos os dados que estão disponíveis sobre fatos que são citados nos documentos (como codinomes, por exemplo), apenas aqueles que nos pareceram essenciais à sua compreensão.

O primeiro documento foi escrito após a “grande ação” que foi o sequestro do Embaixador suíço pela VPR. Foi uma longa negociação, que durou mais de 40 dias e na qual a intervenção de Lamarca foi essencialmente no sentido da manutenção da vida do Embaixador<sup>2</sup>. Como resultado, o desfecho foi o maior resgate de todos os sequestros organizados pela resistência à Ditadura, sendo 70 presos liberados, em grande parte membros da própria VPR, mas contemplando também militantes de outras organizações. Parte dos militantes que se encontrava no Chile advinha da

---

<sup>1</sup> Toda documentação está disponível no SIAN – Sistema de Informação do Acervo Nacional.

<sup>2</sup> Sobre os sequestros, ver: SILVA, Carla. Sequestros e terrorismo de Estado no Brasil: casos de resistência revolucionária. *Izquierdas* (Santiago), v.49, p.1646 - 1669, 2020.

libertação dos demais sequestros realizados pelos grupos, e que se reuniram no Chile para, de alguma forma, seguir a luta. Acreditavam que de alguma forma iriam conseguir retornar ao Brasil e derrotar a ditadura dando sequência a um processo revolucionário.

Lamarca dá orientações, passa informações sobre o contexto nacional, a criação de uma Frente de lutas e as dificuldades encontradas. Destacamos a notícia sobre a constituição e funcionamento da Frente Armada Revolucionária, experiência de unidade ainda pouco estudada pela historiografia,<sup>3</sup> mas que esteve presente em diversas iniciativas da esquerda armada. A carta revela as contradições, os problemas organizativos e os limites deste tipo de frente vistos na VPR por um de seus principais dirigentes e animadores. Embora o sequestro tenha sido exitoso, ele tinha plena visão de que o instrumento estaria esvaziado, ou seja, a burguesia impediria que o mesmo seguisse sendo utilizado. Portanto, a luta deveria ganhar nova dimensão, na sua visão.

Enunciava-se divergências entre os que estavam no exterior, que são desautorizados de exercer comando, e os que estavam no país, que seriam os únicos legítimos, pois de fato estavam “na luta”. Da mesma forma, notícia que divergências de modos de organização estavam levando à perda de militantes da VPR para outras organizações.

Ocorre aqui um fato peculiar. Enquanto aguardava a apreciação de seu pedido de desligamento (pois ele mesmo não via como superar os limites apontados na VPR), Lamarca segue indicando os problemas e apontando a necessidade de realização de um Congresso (terceiro documento). Para alguns, isso demonstra personalismo. Para outros, comprometimento. Por fim, trazemos uma breve notícia de jornal que nos dá indícios de como além da repressão, a luta também era atacada pela grande imprensa, que, quando queria, noticiava para interferir na própria decisão dos que lutavam.

Carta de Carlos Lamarca (“Cláudio”) – 01/02/1971

Aos companheiros da VPR no Chile

1- Introdução

Este documento não visa saudar os companheiros mas informar e orientar para os trabalhos a serem executados. Mandamos um companheiro com instruções logo após a execução da ação, mas teve de regressar em virtude da demora das negociações- assim, os companheiros ficaram sem orientação. Acreditamos que os companheiros tenham se movimentado de alguma forma e tenham encaminhado algo, que precisamos tomar conhecimento.

Sabemos como têm se comportado, de uma maneira geral, os brasileiros que já estavam aí no Chile. Entre eles, sabemos, tem gente séria também, mas muito cuidado tem de ser tomado- porque pode haver infiltração<sup>4</sup> e haverá certamente o diz-que-diz desmoralizante tão próprio da esquerda.

A sensação de segurança dos que estão longe do palco de luta estimula o liberalismo e a ideologia burguesa. Isto tem de ser combatido tenazmente porque

<sup>3</sup> Ver nesta edição o artigo de Yuri Carvalho que aborda o MRT e a Frente Armada Revolucionária

<sup>4</sup> A VPR no Chile sofreria severa infiltração, reduzando na morte de muitos militantes. (Esta e todas as demais Notas foram acrescentadas pelos editores do texto)

é humilhante para um revolucionário professar a ideologia oposta, porque a CIA existe, e porque a luta não está encerrada para os companheiros. Em qualquer lugar a luta continua e a disciplina revolucionária é necessária então ai também. Nenhuma informação que não oficialmente autorizada deve ser passada- nada deve ser comentado se não houver necessidade. Numa guerra revolucionária não há satisfação individual.

Não sabemos quais as dificuldades que os companheiros estão vivendo, devem estar precisando de dinheiro mas não podemos apoiá-los daqui, devem ser criados instrumentos ai. Faremos o que for preciso, sem prejuízo para a luta aqui.

Recomendamos o máximo de seriedade e discrição e não admitimos excesso qualquer, nada que deponha contra o revolucionário brasileiro.

## 2- Frente

a) Existe uma frente composta pela VPR- ALN- MR8 - PCBR e MRT que ensaia os primeiros passos. Muitos são os fatores que influem para que enfrentemos muitas dificuldades, não seria, a curto prazo, possível superar anos de sectarismo. Ainda existem as jogadas da política burguesa e vícios de militância. Mas a frente existe também para superar isto e aperfeiçoar a prática política na esquerda.

Não conseguimos sair no nível de umas poucas ações conjuntas mas é este o áspero caminho inicial, não há porque recuar à primeira dificuldade – o sectarismo só é favorável à reação. O sectário é pois um reacionário ao movimento revolucionário.

Não se pode idealizar a Frente, por muito tempo os resquícios da prática anterior persistirão após o primeiro salto. Mas a Frente é uma saída para os muitos problemas que vive a esquerda no Brasil. É formada em torno dos pontos comuns, mantendo cada Org. uma autonomia, não tem, pois, a frente capacidade para exercer o centralismo democrático.

A próxima meta que buscamos atingir é, após discussões, tirar um planejamento integrado que entraria no planejamento geral de cada Org.

b) Em Setembro de [19]70 a frente decidiu executar três seqüestros consecutivos (em cadeia). O inicial na GB, o MR-8 (DI) daria a infra-estrutura que declarou possuir e a VPR executaria a ação. Em São Paulo seria executado por VPR, ALN e MRT. E noutro estado pelo PCBR. Tiraríamos 200 revolucionários. Além disso executaríamos uma série de ações complementares.

Dois fatos mudaram por completo a situação: a morte de Toledo e a mudança de posição do MR-8 (ler documento Análise Política do Sequestro do Embaixador Suíço). A VPR, utilizando de sua autonomia partiu sozinha para a ação - e enquanto conservávamos o homem executamos três ações, duas em Porto Alegre e uma de saque e distribuição em favela no Rio (já fizemos a segunda ação de saque – a primeira foi distribuída na favela de Braz de Pina e a segunda na favela de Rato Molhado em Del Castilho).

Com a ação, o sectarismo aumentou, pois achando que o recuo político devia ser assumido integralmente, decidimos dar mais peso na libertação de companheiros cujas organizações foram extintas. Além disso, a utilização da autonomia não foi compreendida pelas três organizações que tinham posição contrária. O desfecho da ação também não foi compreendido. Não compreenderam que o governo cedendo em libertar 70 conseguiu condições políticas para limitar o instrumento, enquanto para a massa perdíamos a condição de justiça. Daí acusações de que esvaziamos o instrumento - esta acusação possui dois desvios: o vanguardismo da luta direta [??] esquerda ditadura e a negação do materialismo histórico. Se para a esquerda estava

justificado o justicamento, não o estava para a massa. E a classe dominante precisa (e vai) fechar o instrumento. É claro que os interesses de classe se sobrepõem ao moralismo burguês, acreditar que as questões morais são determinantes para a classe dominante é um desvio ideológico.

C) Sabemos que aí no Chile existe uma frente de organizações brasileiras, que tem de tudo, que vai tentar daí influir internamente<sup>5</sup>. A nossa posição é a seguinte: estamos em frente com ALN- PCBR – MR-8 e MRT, com esses os companheiros devem se relacionar e qualquer outra organização para entrar terá de ter a concordância unânime nossa. É perigoso entrar onde está o PCB que se confunde com a repressão, aqui o PCB está apoiando os “nacionalistas – e é desmoralizante fazer frente com organização que nega, na prática, a luta armada. Vão tentar estimular o liberalismo para saber do que se pretende aqui e vão tentar controlar as comunicações com o Brasil. As frentes no exterior têm de partir do relacionamento interno.

### 3- Organização

As discussões políticas se dão agora em torno de Propaganda Armada – que camadas deve atingir- de como capitalizar as ações- que trabalhos políticos são necessários, etc.

Estamos fazendo auto-crítica do vanguardismo em que nos afundamos e vamos partir para a busca do embasamento social para (e não pela) a luta armada.

Sofremos queda de militantes que afetaram a nossa operacionalidade: sete no sul e muitos em SP; assim como de aliados no sul, em SP e GB. Os militantes têm, nos companheiros que estão no exterior, a resposta para as dificuldades de recrutamento.

Em Agosto 7 companheiros da VPR apresentaram um pedido de desligamento que não foi aceito para que antes fossem discutidas as questões que colocassem. Mas apresentaram como fato consumado, entrando para o MR-8 (DI) que manobrou não aceitando a nossa posição de que a esquerda deveria se preservar, apurando divergências políticas. Os companheiros que se desligaram diziam que a VPR não permitia discussão etc. Em seguida passa a circular na esquerda que a VPR estava fazendo expurgos, que teria havido um racha, etc- aquelas mesmas jogadas de sempre... Agora, dentro da DI, quatro dos nossos desbundaram, após emperrar trabalhos, são eles: Clarice, Caetano (era de VARP), Jarbas (o Odete) e Mauro/Gil- cuidado com eles por aí.<sup>6</sup>

Ora, uma esquerda que não consegue ser leninista, onde nenhuma minoria se submete a uma maioria, não pode, realmente se fortalecer, tende mesmo à desagregação. Pretendemos atuar intensamente para modificar isto, o que não é tarefa fácil nem rápida, mas tem de ser encarada revolucionariamente. Outro problema é que os militantes da esquerda não são coletivizados - é claro que a origem de classe determina a principalidade da questão - mas isto também não pode ser levado às últimas consequências quando sabemos da impregnação ideológica da classe dominante em todas as camadas da massa. Ninguém deve ter privilégios até que demonstre, na prática, que está coletivizado (e não é favor estar). O processo de coletivização é lento e moroso – as individualidades são

<sup>5</sup> Nos parece que se refere à Frente Brasileira de Informações, organizada no Chile e na França, sob influência direta de Miguel Arraes.

<sup>6</sup> O documento que acompanha a carta de Lamarca, encaminhado pelo CIEX/MRE chama atenção para os seguintes nomes: Clarice – Sonia Eliane Lafoz; Caetano, Roberto Chagas e Silva; Jarbas, José Maurício Gradel; Mauro, ou Gil, Caio Salomé. VAZ.93.126, p.1-7, Encaminhamento 247, CISA-RJ, ??/??/1971.

escamoteadas por diversas formas e reagem violentamente) – mas isto tem de ser atingido, e no exterior há possibilidade de se fazer isso.

Muitos trabalhos podem e devem ser feitos no exterior mas a luta só pode ser ganha aqui mesmo no confronto diário com os problemas concretos. Deixamos claro ainda que a VPR não admite comando no exterior, para que fique claro que as decisões emanam do palco da luta - como também consideramos ridículo que alguns elaborem de longe para que outros cheguem na prática- toda Org está consciente disso.

A Org não aceita também a fanfarronada que se faz no exterior sobre a revolução brasileira, com deturpações grosseiras que prejudicam a visão da luta aqui, e nos comprometem. Existem as visões mirabolantes dos “guerrilheiros brasileiros” (ou seja, os desbundados), que cantam aos oito ventos suas façanhas. Os companheiros não podem se confundir com essa gente, nem entrar na dinâmica do palavrorio - a Org está consciente que libertou os companheiros que se predispõem a continuar a luta aqui.

#### 4- Decisões

a) Fica designado responsável pela VPR no Chile o companheiro Ubiratan Souza (Gregório).

b) Os militantes da VPR considerados prontos para o treinamento devem partir, com urgência para Cuba- devendo se submeter ao centralismo da coordenação que já existe lá.

c) Os que permanecem no Chile devem ser organizados em bases para discussão política.

d) Os vacilantes, que assumiram posição individualista devem ser desligados e cortado o contato.

e) Os que pediram ingresso na VPR devem ser analisados se podem voltar daí mesmo ou se precisam passar por um processo de coletivização, formação e treinamento, e neste caso devem seguir para Cuba.

f) Procurar, desde já, criar condições para a vida clandestina aí - cuidado com a direita chilena e com a CIA. Prevenir de todas as formas as possibilidades de infiltração.

g) Organizar discussão com os quadros de antiga VPR e ex-COLINA que não discutiram a fusão nem participaram do processo de racha.

h) Procurar contato com o MIR e outras organizações revolucionárias do continente.

i) Criar condições para receber companheiros daqui, com a máxima segurança.

j) Enviar relatórios periódicos.

l) Criar uma Comissão de Apuração de Responsabilidades para analisar o procedimento na cadeia (dos que permanecerem no Chile – os que forem para Cuba entrarão na comissão que já existe lá) – e enviar relatório minucioso. A Comissão deve ser eleita pelos companheiros que submeterão a ela.

m) Criar canais de comunicação com Brasil, Cuba e Argélia.

n) Respeitar os compromissos assumidos com o governo do Chile – muito cuidado para não fornecer argumentação para a direita. Aguardamos relatório para compreender a realidade e podermos daqui atuar – para nós só as generalidades e propaganda burguesa nos chegam através [da] imprensa – cabe aos companheiros nos orientar.

o) Ao companheiro coordenador no Chile cabe, após discutir com os companheiros, tomar decisões contanto que compromissos não sejam assumidos

sem consulta do Cmdo/VPR a quem cabe decidir, referimo-nos a compromissos internacionais. Aceitamos qualquer apoio se não vêm acompanhados de injunções políticas, que mais tarde poderiam limitar o movimento revolucionário brasileiro. Não só não temos esse direito, nem autoridade. Chamamos atenção para isso, para que não nos deixemos empolgar com apoio, devido a nossa fraqueza. Qualquer erro cometido neste sentido será repudiado violentamente.

p) Os companheiros que não tiverem perspectivas de atuação, considerado cada caso dentro de sua particularidade, devem ser ligados à produção. Isto deve ser conseguido junto ao Ministério do Interior.

q) Relacionar os militantes com problemas e enviar junto com a proposição de solução.

r) Evitar de todo modo entrar nas “pixações”<sup>7</sup> a outras organizações ou companheiros. Formular as críticas, e exigi-las, por escrito – para que, com a formalização, seja aperfeiçoado o relacionamento. Não flexionar isto, e repugnar os comentários paralelos, pois inúteis para a Revolução. Exigimos, assim, que o relacionamento se dê em alto nível. Sabemos que isto não interessa aos que vivem marginais às organizações revolucionárias - e com uma atuação séria, madura, poderemos educá-los para a militância.

s) Os contatos que os companheiros possam ter aqui devem ser passados, pois temos dificuldades muitas para criar condições para receber os companheiros. Admitimos que os contatos permaneçam com os companheiros, se houver possibilidade de chequeio. Contato de “camponeses” devem ser passados, pois a falta deles é o impasse maior que se encontra a Org. para penetrar no campo.

t) Enviar relatório sobre métodos de interrogatório, torturas, preocupações que demonstram o que sabem, etc. Este relatório é muito importante para orientar companheiros em caso de queda – embora a problemáticas, sabemos, seja o fortalecimento ideológico na militância. Desde já, adiantamos que não aceitamos a auto-defesa que a Org. é responsável pelas aberturas na prisão. O que é a Org? não são os próprios militantes que a compõe? A não ser que alguém se situe de fora da Org é que pode criticá-la. Ninguém é vítima da Org!

u) Organizar uma imprensa de alto nível e montar canais de divulgação internacional.

v) Nunca usar os canais de comunicação conhecidos pela frente que existe aí<sup>8</sup>.

x) Usar a contra-informação (não confundir com desinformação de militantes) para iludir a direita chilena (que vai se organizar), a CIA e agentes de repressão brasileira.

z) Enviem publicações e informações sobre tudo.

##### 5- Informações diversas

a) Faremos uma Reunião Nacional – Cmdo com os CmtVc - (não confundir com congresso) em que desenvolvemos a agenda (riscada com um “xis” no original):

1) Balanço Geral

2) Análise de Conjuntura

<sup>7</sup> Termo usava para quando se falava mal de outros militantes.

<sup>8</sup>A FBI possuía jornais, como o *Campanha*, para agregar os brasileiros que estavam no Chile.

3) Perspectivas Políticas e Orgânicas

4) Frente

Enviaremos, oportunamente, o relatório da reunião. A reunião não é um fato extraordinário.

b) Seguem alguns documentos, inclusive um da ALN e do MR-8. Trata-se de que a Frente, após a divergência a que chegou sobre sequestro, decidiu que cada Org escreveria um documento sobre o momento político. Por eles, os companheiros podem ter uma amostragem da problemática que vivemos.

c) Existe um temário mais amplo no caderno de debates, incluindo Frente, Política de Inteligência, Política de Formação de Quadros, Planejamento, Moral Revolucionária, Guerrilha rural, comandos de sabotagem, etc, que foi prejudicado pelo enfoque especial, até merecendo a discussão sobre Propaganda Armada.

d) Localizamos duas infiltrações na ALN: José Sales de Oliveira que era Cmt regional no Pará e arreventou com tudo lá. Toledo caiu por emboscada montada por Murilo de Albuquerque que após cair, passou-se para a repressão e saiu para localizar Toledo (é considerado grande teórico).

e) O Bacuri caiu por duas infiltrações, na FLN, segue anexo a informação.

f) Consta que o Dudu (o ex-seminarista que o Paiva conhece) está colaborando. Cuidado com o apareamento por aí de militantes não autorizados.

Saudações Revolucionárias

Ousar lutar

Ousar vencer

Cmdo VPR, 1/2/71

Sabemos que em outubro de 1971 a repressão derrubou um aparelho da VPR no qual foram localizados outros documentos importantes. A informação diz que foram encontrados juntos o Comunicado n.1 (Novo comando) e o n2, “Medidas Imediatas”, ambos datados de 7/8/1971, assinados como Comando da VPR. Estes documentos trazem uma tentativa de reestruturar a organização diante do abandono da VPR por parte do próprio Lamarca e de sua companheira, Iara Iavelberg.

A seguir, transcrevemos os documentos de desligamento de Carlos Lamarca da VPR

**Aos companheiros que militam na VPR**

Encaminho meu desligamento simultaneamente a um pedido de contato com outra organização revolucionária.

Fundamentalmente discordando de nossa linha política que não superou o foquismo a não ser no aspecto de integração das diversas formas de luta da guerra de guerrilha no setor rural – na luta urbana a Propaganda Armada é o foco travestido com uma [??] um palavrório genérico.

A Propaganda Armada terá “magicamente” como foco capacidade de mobilizar, educar, organizar. A Propaganda Armada é uma forma da luta necessária, mas não suficiente.

Não aprofundaremos neste documento esta discussão pois fugiríamos aos objetivos [da] própria. E principalmente porque o que norteia nosso desligamento está diretamente relacionado à permanência desta linha política na VPR.

Toda posição política é reflexo de uma posição de classe. O problema centro da [questão] ideológica.

Nosso desligamento se dá não por não queremos assumir a convivência da coexistência pacificamente com o que consideramos o embrião de uma futura “elite”, “casta”, dirigente. Dizemos coexistência pacífica pois uma luta interna se daria através de posições - defrontando-se em documentos, dentro de um instrumento cuja engrenagem, funcionando nos moldes leninistas permitiria o seu encaminhamento.

Na VPR bases são “fachada” não concretizam-se enquanto coletivo.

Já levantamos a problemática do formarmo-nos neste sentido de crescimento coletivo nunca fomos omissos (vide nossos documentos: Conjuntura Orgânica, Caminho a Percorrer, Moral Revolucionária, espaço para um Setor de Inteligência, tradução de texto apresentado na Área Teórica n.3)

Essa não vivência coletiva impede o crescimento revolucionário, assim o lema da VPR “faz a Revolução quem pode e não quem quer” pode perdurar.

Somos dos que querem e achamos que querer não é suficiente (não estamos naquela de “querer é poder”)... precisamos criar condições. Condições são criadas na prática revolucionária orientada para a transformação.

Mas há que ser possível um acesso à prática política que nos possibilite criar, [?] produzir.

Só se possibilita uma prática “supervisionada” diretamente pelos detentores de critérios com os quais não concordamos, ou seja, transformarmos em executores, [todos] que se consideram providos de “capacidade” que os demais não possuem.

A militância, a prática política é algo consciente, não pode ser transformada em alienante.

Soe acontecer na VPR, reduzir-se questões políticas à problemática entre nomes de pessoas, é uma prática política voltada para si mesmo que só pode satisfazer individualmente diletantismos intelectuais.

É com isso que rompemos. Rompemos com o privilégio. Nossa luta contra a existência de privilegiados travamos desde que ingressamos em 1964 na POLOP.

Não vamos travar essa luta dentro de uma O. revolucionária, nos parece um desvio de esforços.

Não vemos expectativas para uma atuação política numa O. assim. Essa carta é um [ofererecimento] aos companheiros da VPR que querem fazer Revolução, não tem o caráter de [???] Mas como dizia Carlos Marighella: “o revolucionário não pede licença a ninguém para praticar atos revolucionários”.

Saudações Revolucionárias

Ousar lutar – Ousar vencer

Leila

1 de abril de 1971

No mesmo mês de abril localizamos um extenso documento datilografado, de 12 páginas em espaçamento simples onde muitas dessas questões apareciam pautadas. Trata-se de novos documentos de Lamarca e a resposta a ela, quando o mesmo é desautorizado de tomar novos caminhos sem o aval da organização. Ou seja, este embate seguiria.

Dadas nossas limitações de espaço, transcreveremos apenas uma parte do documento a seguir. Esclarecemos inicialmente que a qualidade deste original é bastante inferior aos demais, e por isso, a transcrição apresentará mais lacunas. A profundidade deste documento nos aponta para os problemas de fundo que, em plena clandestinidade, eram enfrentados pelo Comando da Organização e seus militantes. A necessidade de manter-se na luta, e no Brasil, levavam Lamarca a desesperadamente encontrar formas que lhe parecessem mais eficazes de luta. Lembre-se ainda que esses documentos foram escritos no contexto do rompimento com a VPR, a entrada no MR-8 e a ida para o sertão da Bahia. Mas era ainda uma posição amargurada e desesperada sobre os caminhos da luta.

### CONGRESSO – SOLUÇÃO POLÍTICA E NÃO DE HONRA

Estamos numa discussão em que se deve demonstrar as bases falsas de fundamentação da linha política a VPR. [Pedimos] “desculpas” de sermos “pretenciosos”, “insatisfeitos”, “ousados”, pois somos um dos que “querem” e não dos que “podem”, conforme critério político dentro da [VPR]. Sim, queremos estudar, discutir, crescer revolucionariamente, num coletivo marxista-leninista – numa organização comunista, para transformarmo-nos. // Somente a [duras penas] [necessidades], isto é possível dentro da VPR- refiro-me ao estudo, à evolução revolucionária. Mas porque tem que ser assim? // Outras Org. Revol. no Brasil tem toda uma gama de e uma prática principalmente ao que a VPR tem de maior deficiência que é contato de massa. Esse desligamento de dois anos de contato com as massas compromete a VPR, e sua crítica tem pouco a informar às suas formulações teóricas.// As discussões na [frente] e as ações que a VPR executou na utilização de sua autonomia, chegaram a nossa linha política. Os sectarismos aumentaram, as pichações passaram a circular com mais frequência. Por que? É claro que existe divergência política dentro da frente, claro que tem. Se não houvesse, não existiria a frente, mas uma só Org. É claro que há uma grande necessidade de aprofundamento de discussões para que as Org. se ponham a nu, para que não [seja só] troca de “frases feitas” e de sínteses. A solução é, após discussão na frente, um documento conjunto das cinco Org. que a compõem. // Evitando-se que as Org. sejam [resumidas] a “sínteses” e as frases feitas. É também necessário que os documentos internos de uma Org. circulem nas outras, numa interação política que só pode ser útil a todos militantes revolucionários. O sectarismo que impede isso tem uma fundamentação política. Mas vejamos: o que as outras org. da Frente tem assimilado da VPR? Pois é a VPR que é a linha destoante, desencontrada com a realidade – não há portanto qualquer sectarismo contra a VPR na frente, ao contrário, a Frente quer aprofundar a discussão e não [listar um] planejamento sobre ações concretas, como se pensava na VPR. O interesse maior [deveria vir] da VPR em aprofundar a discussão, justamente porque as Org. da Frente tem a prática que a VPR não teve, e porque respondem às indefinições da VPR. // Para uma aproximação maior entre as Org. que a Frente está propondo (após discutir sobre métodos de trabalho), [muitos] muros e barreiras tem de ser ultrapassados. Vamos enfatizar a barreira maior que, se derrubada, facilitará a progressão. Então voltemos. //<sup>9</sup>

Primeiramente, a VPR tem critério político: QUEM PODE – E QUEM NÃO PODE VAI PODER. // Ou seja, a linha política da VPR não é propriedade privada de ninguém (como toda propriedade privada tem que ser jogada na privada) A

---

<sup>9</sup> Mesmo parágrafo no original.

VPR tem de ser propor é construir coletivos comunistas que [estejam], que pratiquem, que criem. // Os quadros da VPR no exterior são, realmente, capazes de [formular], são militantes revolucionários testados numa prática e não teoricistas. E como assim o são, vão precisar de informações sobre uma prática que a VPR não tem e que as Org da Frente popular possuem. Aliás, uma longa prática que vem demonstrando [correta] e só foi sentida por alguns recentemente. // As formulações teóricas se não tiveram [base] em dados científicos e numa prática, se esborracharão frente à realidade. Estudar a economia brasileira, e a evolução política de adequação à política econômica é o [mínimo] mas não basta, é preciso a compreensão do passado de luta do proletariado, [porque ativa imediatos,] digo próximos, lutou, a origem de sua mobilização e a sensação de luta, quais os fatores políticos que limitaram o trabalho da esquerda e porque do [isolamento] ideológico e a negação de uma atuação na massa. A prática no trabalho de massas que ficaram dentro dela travando a luta contra o reformismo, é um dado fundamental. A LP<sup>10</sup> da VPR extrapola de uma proposição do caminho a seguir na Revolução – seja a uma “questão de fé”. Quando se começa a checar em termos de capitalização de [Política Armada], trabalhos necessários para a capitalização, camadas da massa a ser atingidas pela Política Armada, que capitaliza-as transformarão a prática, etc.; quando se chega a LP então surge “QUEM PODE- QUEM NÃO PODE”. Ora, os que “podem” foram os mesmos que formularam esta LP – ou não foram. Não [duvidamos] da capacidade – mas os que “podem” formular devem deixar bastante claro a sua posição ideológica, para que não haja, “conta de chegar”. (conceito de “conta de chegar”<sup>11</sup> paralisa para que cheguem às [designas] concebidas). // O centro da questão está então, nas análises. Logo, a Org. deve COLHER dados científicos que demonstrem a fundamentação da análise. Eis como destruir a propriedade privada e coletivizar “a Linha Política”. // Em Congresso da VAR-Palmares, levantamos essa necessidade, foi-nos colocado que os dados eram da burguesia. Mas não existem dados levantados pela classe oprimida, nem por socialistas – então fica a critério de cada um? E a burguesia necessita dos dados para planejar a sua evolução econômica. Aquela do anarquismo da produção capitalista já está superada pelo estágio do imperialismo. Se não se estudam os dados econômicos, [contrários] às medidas políticas, segue-se a reboque da empresa burguesa, que distorce os dados para executar propaganda.

#### NÃO PODE HAVER CONTRADIÇÃO ENTRE AS MEDIDAS POLÍTICAS E A POLÍTICA ECONÔMICA BRASILEIRA

Exemplo: - não pode existir movimento de massa reivindicatório de aumento salarial – porque a política econômica financeira não permite o aumento salarial (a não ser nos índices distorcidos) – e, porque o componente do salário, na formação do custo de produção na economia brasileira de 1971 é fundamental – porque a economia não é [baseada] na industrialização automatizada. A evolução, ou melhor, transmutação mecânica de uma linha política, seja uma visão imediatista, ou desligada da prática, “ou ainda numa prática deformada, vanguardista”, sem bases científicas vai alterar apenas o [uso] de palavras. Deixo claro que não sou contra o CONGRESSO – considero que é a única solução para a VPR. Se vai ser ou não de qualidade superior, não sei o que quer dizer[certo], se mais megalomania da VPR. O CONGRESSO, dentro da mais ampla democracia, se destina a discutir POSIÇÕES DE BASE, e não de pessoas que

<sup>10</sup> Linha Política.

<sup>11</sup>Conta de chegar: a) aquela a que se fazem pequenos ajustes de valores para se chegar ao total preestabelecido; b) POR EXT, FIG acomodar, ajustar certas situações, desprezando pormenores menos importantes.

“podem” de bases da Org. estejam [no Brasil] ou no exterior. Mas não há dúvida que terá de ser superior ao último, há muito a ser colocado, checado, discutido, aprofundado... // Se houvesse menos sectarismo com as divergências políticas e tivesse havido mais discussão com outras Orgs., veríamos, teríamos visto, antes que a solução está aqui dentro mesmo, nas Orgs. Que, graças a sua prática evoluíram teoricamente. Tiveram uma prática política que possibilitou a evolução. // REPETINDO: O CONGRESSO PARA A VPR É A SOLUÇÃO: SOLUÇÃO POLÍTICA E NÃO DE HONRA. // A prática da VPR, reflexo de sua linha política é deformada (a fuga é dizer que a deformação do reformismo), parece-me que já está claro para os militantes. Mas o está completamente. É preciso que apareçam, POR ESCRITO, as posições dos que “podem” sobre: 1º camada principal da massa – existe uma análise da Org. fundamentando uma posição que não está devidamente clara... // 2º Ditadura do proletariado – a Org situa a Ditadura do Proletariado claramente.... A transformação da consciência do proletariado em si para consciência para si, capacita ou não o proletariado para exercer a Ditadura? Ou será a Vanguarda que a exercerá? Ou seja, já estamos defendendo o Stalinismo?// 3ª A automação da formação da elite proletária – É preciso fundamentar teoricamente e checar o que existe na prática intensa de outras Org. // 4º A pequena burguesia no processo revolucionário; 5º A massa e a inteligência da PA – porque a vinculação depois de PA? // Faço aqui um parêntesis para declarar que tenho uma posição fechada, escrita no dia 22 de março<sup>12</sup> – divulgarei após a reunião do comando.//

Sobre o documento “UMA PROPOSIÇÃO” levanta a respeito da viabilidade ou inviabilidade histórica da VPR, tenho a dizer que uma Org. a) que tem uma linha política desligada da realidade; b) que trilha um desvio ideológico, deformando os seus quadros; c) que não possibilita se travar uma luta interna; d) que cultua o sectarismo, atribuindo apenas a alguns a capacidade de fazer evoluir a Org – dividindo os militantes em castas políticas estáticas eternas, imutáveis; e) que tem como método de direção o Stalinismo que impede a liberação de potencialidades, que não formam quadros, que aliena militantes, que deforma os dirigentes, que elimina a criatividade, que impede a prática leninista, NÃO TEM VIABILIDADE HISTÓRICA. // Não se trata de acreditar, ter fé, na possibilidade de mudança - mas, de que as condições sejam criadas e o básico é: afloramento das posições políticas para discussão (que não deixam de responder claramente, por escrito, os cinco itens acima)// Não quero incorrer no idealismo da visão estática sobre quem quer que seja, ou organização alguma – mas o imobilismo, a falta de prática é um dado que deve ser considerado na análise. [retiro-me] ao esvaziamento do imobilismo que virá. // Se as posições surgissem, seria possível um debate revolucionário – como não surgem, não há como esgrimir, a não ser no ar – e a luta política fica ilusória – primeiro passo para o embuste final. //

Recebi uma crítica da companheira Elisa sobre agressividade nas discussões, e como está claro, ainda não fiz autocrítica. Os processos de prática política dos militantes são diversos, diferenciados. Na minha prática existe um marco – a mudança de qualidade da prática tem uma explicação para mim, que a companheira não entende. Vou fazer autocrítica na prática, onde é possível fazer.// Quando se fecham caminhos pacíficos, só a luta armada resolve: não é isso? Quando o caminho político é bloqueado, só a violência gera um novo: a

---

<sup>12</sup> Data de 22/3/1971 o pedido de desligamento de Lamarca, “em caráter irrevogável”. Perceba-se, portanto, que enquanto aguarda o julgamento de seu pedido, ele segue opinando e colocando os problemas que considerava cruciais na sua organização.

crítica precede e procede porque é em mim um processo consciente. E a companheira vai entender melhor, vai interiorizar, quando outras questões ficarem claras.// Sobre palavrões em documentos, Lenin já se referiu ao nível de discussões em épocas de crises (esquerdismo, doença infantil do comunismo – que todos os militantes da VPR devem ler). Está difícil não falar palavrão hoje: por exemplo: quando se quer discutir posição que não vem, há alguma coisa que explique melhor que um “ora porra”?// No mais venho recebendo agressividades também, rótulos os mais degradantes, e isto não me abala não – se tem de vir quente que venha – mas que venha. O problema não está aí, está na omissão. Como já expus, não justifico minha agressividade com a que recebo, absolutamente. Nem aceito a campa[na] de IDIOTIFICAÇÃO com aquela de me situar como vítima da esquerda, de quem tomou muita porrada da esquerda, portanto tem de ser compreendido, isto visa me apresentar como um completo idiota, com a finalidade de isolar-me nas discussões. Nunca assumi posição de vítima- compreendo logo o que é a esquerda. Fui treinado para a [?] guerra interna é a luta ideológica. Quando o camarada Otavio faz as acusações [todo] mundo se preocupa, mas não enxergam que a coragem moral dele – é um exemplo para muita gente – não concordo em nada com o camarada Otavio, mas respeito – considero um deformado, mas tem a virtude básica de um revolucionário, é honesto, diz o que [pensa], apesar de absurdo, na fúria, na cara do outro. Se ele acha que alguém é um idiota [e] se quer fazer alguém de idiota, deixa claro nos seus documentos também - [??] isso anda por aí. // Não estou situando nada da moral revolucionária dentro de uma [visão] particularista, porque antes, temos de ver se com palavras bonitas (não ferimos); defender a ideologia proletária, se é possível atuar politicamente sem conciliar e viver com posições não proletárias, enfim, se é possível ter uma existência revolucionária sem conciliar com mecanismos de defesa pequeno-burgueses. Não vou conciliar nada [?] de uma “moral”. Mas também não vou entrar no cri-cri-cra-cra para esclarecer uma ambivalência mas uma postura política.// Não estou querendo que a ou b deem [ção] para a Revolução Brasileira – quero por escrito as posições de a e b que contudo [não] precisa responder tudo não, basta os cinco itens formulados na página anterior.// [em] Junho, com o documento EXIGIR E CONTRIBUIR iniciei a luta interna – comecei a atuar intensamente na Org. e daí? Lutava contra alguém? Desviamos-nos das questões internas quando lutamos contra o recuo. Em seguida volta a problemática aguçada – Felipe aguçou PA, e foi ignorado. Explodiu. Apoiei a explosão, não a forma, escrevi um documento para discutir em comando, retirei-o. Explicação: não recuei, apenas retirei porque ia [incutir] indevidamente sobre o Cmte da UC. Outro era o caminho discutirmos na reunião [nacional] – o restante os companheiros sabem.// Pois a retirada do documento – uma autocrítica não está sendo capitalizada no bastidor? Por que? Está inserida na campanha de [cação], e na defesa de recôndita posição política. Ou seja, na VPR não há lugar para autocrítica.// O grande problema da VPR é político sim – entendemos o problema político. Tem uma linha política cuja a análise teórica faz chegar às posições ideológicas [na] burguesia, e a prática política necessária tem de ser deformada – a linha está [por um] fio – e os desvios ideológicos? // É só tentar tocar na linha política para receber este rótulo. O que Felipe levantou não interessava, só o liberalismo dele. As questões que levanto também não, só a agressividade. É um grosseiro fascismo.// Mas que porra imaculada, divina e virgem é essa linha política. É preciso muita clareza para os que “podem”, entendam que são utilizados como instrumento de posição pequeno burguesa muito bem elaborada. Mas esta não era a posição de Yoshitane, do Plácido, do [Ari]// Não estou explorando a morte dos companheiros, estou falando em nome deles, das ideias que eles acreditavam estar defendendo – eles não “podiam”

elaborar também. É preciso que as questões fiquem claras, como estão ficando, não há posições intocáveis que só po[dem] ser expostas em Congresso, que só os que “podem” elaborar “podem” entender – e que este é o instrumento. // Tentei demonstrar tudo isto, política e serenamente (os documentos desde junho de 70 o demonstraram). Vou além, vou romper com isso mais violentamente. A autocrítica a fazer hoje é outra, Eliza. Um revolucionário está sempre em processo de autocrítica – sempre. Partindo para a violência estou fazendo autocrítica. OUSAR LUTAR. OUSAR VENCER. // Claudio – 28, março-971

X.X.X

Este documento de Lamarca foi encontrado pela repressão, que o reproduziu para órgãos de inteligência. Chama atenção que partes dos problemas apontados no mesmo foram divulgadas em matéria no Correio da Manhã, em 29/5/1971. A matéria dá a entender que o aparelho em que ele estava teria sido entregue pelo próprio Lamarca, e faz acusações diversas sobre ele, na voz do “companheiro Otavio”, que é criticado por Lamarca no seu documento. Mais que isso, o jornal conclui: “no exame dos documentos escritos por Lamarca nota-se que ele continua dominado pela ideia de se mostrar poderoso e juiz dos seus companheiros, quer no Brasil, quer no exterior”<sup>13</sup>. O jornal, mesmo censurado publicava informações internas dos grupos, conflitos reais sobre as formas de dar andamento às lutas. Com isso contribuía para a busca dos envolvidos e para disseminar conflitos entre os grupos, desfazendo qualquer imagem positiva que os líderes e militantes tinham. O próprio jornal sentenciava: “A perseguição, protecionismo e preferência políticos, tão a seu gosto, crescem à medida em que se esvazia sua posição no terrorismo. Lamarca sente que vem perdendo seu conceito e sua liderança, e procura ganhar tempo usando dos piores recursos morais para manter-se em destaque. Não será através de raciocínio dialético que poderá enganar por muito tempo, pois precisa justificar-se perante seus companheiros”.

Caberá aos historiadores analisarem o teor dos documentos, mas chama atenção a preocupação de Lamarca,<sup>14</sup> em pleno processo de luta armada, discutir tática, método e práxis revolucionária com seus companheiros. O conhecimento que temos sobre a luta armada tem ainda muito a avançar, e por isso acreditamos estar contribuindo ao trazer à tona esses materiais.

---

<sup>13</sup> Correio da Manhã, 29/5/1971, p.6. a matéria tem o instigante título de “segurança aperta o cerco: Lamarca está por pouco”.

<sup>14</sup> Lamarca passaria a militar no MR8. Foi assassinado pelas forças repressivas em 17/9/1971.